Gonzalo Tinajeros*

Oposição e Colisão Trágica da consciência de si:

Hegel leitor fenomenológico da tragédia “Sete contra Tebas”, de Ésquilo.

Resumo: Dentro das representações artísticas com conteúdos éticos profundos, vibrantes e paradoxalmente polêmicos na antiguidade arcaica e clássica, destacam-se as tragédias gregas nos estudos hegelianos sobre teatro e literatura. Hegel encontrou nas formas de expressão da linguagem trágica o *logos* mais elevado da arte antiga, fornecido de um altíssimo valor conceitual nos diálogos contrapostos (*entgegengesetzten*) dos personagens expressos nos seus gestos e principalmente nas suas ações com conteúdos estéticos, éticos, políticos e filosóficos; ao mesmo tempo, conteúdos claros e obscuros, decifrados e sofridos nos acertos e nos enganos pelos heróis trágicos. Hegel retomou, na *Fenomenologia do Espírito* e nos *Cursos de Estética,* os conflitos éticos apresentados magistralmente pelo tragediógrafo Esquilo, e os *reelaborou* em estudos fenomenológicos e estéticos sobre a *colisão trágica* no mito tebano da guerra heroica.

Palavras-chave: Oposição, colisão trágica, consciencia de si, vida ética, fenomenologia.

Abstract: Among the artistic representations of archaic and classic antiquity, with deep, vibrant and yet paradoxically disputed ethical contents, the Greek tragedies are preeminent on Hegel studies on theatre and literature. Hegel found in the tragical language the most elevated *Logos* of ancient art, filled with a high conceptual value in the counterpose dialogues (*entgegengesetzten*) of the characters, manifest in their gestures, but mostly through their actions with aesthetical, ethical, political and philosophical contents. At the same time the contents of such dialogues are straightforward and obscure, decrypted and suffered by the right and wrongdoings of the tragic heroes. Hegel retook in the *Phenomenolgy of Spirit* and in his *Lectures on Aesthetics*, the fundamental ethical conflicts elaborated by ancient master poet: Aeschylus, and *re-elaborated* them in phenomenology and aesthetic studies about the *tragic clash* in the teban myth of heroic war.

Keywords: Oposition, tragic clash, self-consciousness, ethical life, phenomenology.

* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2017). Foi professor de Ética, Estética e Sistemas Eleitorais nas faculdades de Filosofia e Ciência Política na Universidade pública de La Paz, UMSA - Bolívia (2011-2012). Ex-bolsista do CNPq. E-mail para contato: gonzalo.tinajeros@gmail.com .

1. Introdução

Hegel, através de seus estudos sobre arte e ética na antiguidade arcaica, especialmente nas suas observações estético-políticas, apresenta-nos os conflitos que as *consciências de si* experimentam nas esferas da substancialidade ética antiga. Conflitos magistralmente representados nas obras da tragédia grega e que são desdobrados sutilmente na oposição trágica, onde a consciência individual se manifesta subjetivamente no mundo através de suas ações singulares. Essa consciência, em situações conflitivas e paradoxais, defende suas próprias convicções, frente à objetividade universal.

A lei geral e o mandato universal representam a ordem ética da comunidade e, ao mesmo tempo, o poder público efetivo, manifestando o caráter objetivo da consciência ética que ultrapassa as subjetividades. Esse poder público, através do uso da violência e da exigência do sacrifício individual, determina situações de conflito como a guerra e o patriotismo sacrificial. Essa consciência singular deve ser sacrificada em vista do bem público, efeito de conservação e purificação do Estado. Hegel retomou na *Fenomenologia do Espírito* e nos *Cursos de Estética* os conflitos éticos apresentados pelos tragediógrafos Esquilo, Sófocles, e Eurípides, reelaborando um estudo fenomenológico e estético sobre a colisão trágica na guerra heroica da vida ética antiga.

Os entrecruzamentos fenomenológicos e estéticos visam desvelar com sutileza filosófica, as oposições, as colisões e as resoluções trágicas das singularidades nas substâncias éticas da família e do Estado. As consciências de si, personificadas em heróis e heroínas, representam estética e eticamente “as leis divinas e as leis humanas”. Consciências singulares definidas em extremos das relações éticas que entoam discursos, gestos, e ações, contrapondo-se, uma na outra, seus fundamentos éticos essenciais.

Nas reflexões *dialéticas* da consciência na *Fenomenologia do Espírito,* se expõem, desdobram, e apresentam em movimento, as oposições, tensões, colisões e reconhecimentos, de autoconhecimento fenomênico da consciência de si, e da autoconfiguração do conceito especulativo “Espírito verdadeiro – a Eticidade” [1], tanto como aparecem retratadas nas obras de arte[2] (abstrata, vivificada, espiritual) como as

---

[1] HEGEL, G.W.F. *Phänomenologie des Geistes “A. Der whare Geist. Die Sittlichkeit”*. Madrid: ed. ABADA, 2010. Página 382 e ss. Primeira edição bilingue alemão-espanhol. Tradução de Antonio Gomez Ramos.

[2] Classificação dada por Hegel para os distintos tipos de obras de arte na *Fenomenologia do Espirito – CAP VII -A Religião, B. A Religião da Arte*. O autor chama de obra de arte abstrata às artes antigas da arquitetura, da escultura, da música; chama de obra de arte vivificada à poesia épica, e a obra de arte espiritual à poesia trágica. Hegel, G.W.F, op.cit. pp. 803 e ss. Um esclarecedor estudo interpretativo sobre a sistematização hegeliana da Arte *na Fenomenologia do Espírito* e as suas relações com os

que aparecem produzidas cotidianamente nas obras da eticidade[3] (família, sociedade civil e Estado); estas últimas, chamadas por Hegel de *momentos* substanciais dentro de uma *totalidade* conceitual, nomeada por ele como sendo a Substância Ética.

Dentro das representações artísticas com conteúdos éticos profundos, vibrantes e paradoxalmente polêmicos na antiguidade arcaica e clássica, destacam-se as tragédias gregas nos estudos hegelianos sobre teatro e literatura. Hegel encontrou nas formas de expressão da linguagem trágica o *logos* mais elevado[4] da arte antiga, fornecido de um altíssimo valor conceitual nos diálogos contrapostos (*entgegengesetzten*) dos personagens expressos nos seus gestos e principalmente nas suas ações com conteúdos estéticos, éticos, políticos e filosóficos; ao mesmo tempo, conteúdos claros e obscuros[5] , decifrados e sofridos nos acertos e nos enganos pelos heróis trágicos. Formas da *linguagem oracular* que só se desvelam sutilmente para a *consciência reflexiva* do herói na interpretação intuitiva, depurada e fina, que ele faz da realidade que vive - assustadoramente, cruelmente e intempestivamente - com suas *reviravoltas* características da condição humana, tais como as que experimentam Édipo e Orestes na interpretação dos seus oráculos:

> Por eso, el que era capaz de desvelar el enigma de la esfinge y el que confiaba como un niño ven su destino arruinado por aquello que el dios les revela. Esta sacerdotisa por cuya boca habla el bello dios no es distinta de las ambiguas hermanas del destino que empujan al crimen con sus promesas y que, en la equivocidad de lo que dan como seguro engañan a quien se fía del sentido manifiesto[6].

Cursos de Estética, se encontra apresentado no artigo de: GONÇALVES, Márcia C.F. *A Religião da Arte*. Editado no livro *Interpretações da Fenomenologia do Espirito de Hegel*. São Paulo: ed. Loyola, 2014. Páginas 249 e ss.

[3] Vejam-se os momentos do conceito de Eticidade na figura VI. (BB) *Der Geist* na obra *Fenomenologia do Espirito* (S. 376-624); e na *Filosofia do Direito* os momentos substancias da Eticidade: família; sociedade civil; Estado, são desdobrados como momentos e totalidades conceituais desde o parágrafo § 158 até § 340.

[4] "Il linguaggio della tragedia, è, ora, per Hegel il linguaggio più alto dela religione artística.". PÖGGELER, Otto. *Hegel e la tragédia greca*. Napoli: ed. Guida, 1986, página 121. Edição italiana de Antonella De Cieri.

[5] "Die eine ist die *Lichtseite*, der Gott des Orakels, der, nach seinem natürlichen Momente aus der alles beleuchtenden Sonne entsprungen, alles weiß und offenbart, - *Phöbus* und *Zeus*, der dessen Vater ist. Aber die Befehle dieses wahrredenden Gottes und seine Bekanntmachungen dessen, was *ist*, sind vielmehr trügerisch. Denn dies Wissen ist in seinem Begriffe unmittelbar das Nichtwissen, weil das *Bewußtsein* an sich selbst im Handeln dieser Gegensatz ist. Der, welcher die rätselhafte Sphinx selbst aufzuschließen vermochte, wie der kindlich Vertrauende werden darum durch das, was der Gott ihnen offenbart, ins Verderben geschickt. Diese Priesterin, aus der der schöne Gott spricht, ist nichts anderes als die doppelsinnigen Schicksalsschwestern, die durch ihre Verheißungen zum Verbrechen treiben und in der Zweizüngigkeit dessen, was sie als Sicherheit angaben, den, der sich auf den offenbaren Sinn verließ, betrügen". HEGEL, G.W.F. *Phänomenologie des Geistes- "c. Das Geistige Kunstwerk*". Madrid: ed. ABADA, 2010. Página 687.

[6] Ibid, página 839. O escritor PÖGGELER, Otto, op.cit. página 122, interpreta que esses dois personagens implícitos colocados por Hegel na *Fenomenologia do Espírito* seriam *Édipo* e *Orestes*, ambos carregando culpas e destinos trágicos a pesar de fiar-se nos sentidos manifestos dos oráculos ditados para eles: "Edipo, che risolveva gli enigmi della sfinge, al pari di Oreste, ingenuamente fiducioso, vengono spinti alla rovina da ciò che il dio rivela loro mediante la sua sacerdotessa".

O paradoxo linguístico e factual mais sensível na tragédia grega é a *colisão* de vontades singulares. Colisão que se produz no choque de palavras e de ações realizadas nos desdobramentos das *vidas* opostas dos heróis, as quais se encontram apanhadas numa relação paradoxal entre si - entre as ações singulares na substância ética da família, e as ações singulares na esfera da substância do Estado - criando-se tensões contínuas e profundas entre singularidades *extremas* que se afirmam como universalidades perante a outra, difíceis de se reconciliar num ato de reconhecimento ético recíproco, pois ambas não cedem às demandas legítimas da outra, obstinando-se na firmeza legitima dos seus extremos. Portanto, elas *não permitem* criar um caminho próprio de aceso a um *meio termo* equilibrado cuja relação permita a reconciliação recíproca das consciências heroicas no interior dos mitos fundadores da antiga eticidade grega.

Os personagens trágicos das famílias "Atridas e Labdácidas" como, por exemplo: Agamenon, Clitemnestra, Ifigênia, Orestes, Elektra, Édipo, Antígona, Creonte, Polinice e Etéocles; são personagens literários e históricos[7] que agiram nas suas vidas trágicas escolhendo firme e decididamente tomar uma postura inquebrantável até as últimas consequências da vida humana. Atitudes como, por exemplo, posicionar-se com decisão e firmeza entre defender com preeminência os valores patrióticos de uma vida substancial vinda da esfera pública (Estado), ou defender, acima de qualquer preço, os valores ancestrais e sentimentais de uma vida substancial derivada dos costumes da esfera privada (Casa). Essa decisão se exprime na situação essencial de colisão trágica, a guerra heroica.

A interpretação hegeliana da tragédia parte dos fundamentos ensinados minuciosamente por Aristóteles na *Poética*[8]*;* isto é, parte da *necessidade do conflito* de

---

[7] Personagens que existiram realmente mas no mundo grego arcaico: "Como ya hemos dicho, para los griegos estos personajes no eran ficticios, ni lo era el destino que les fue deparado. Existieron realmente, solo que en otra época, en una época caduca completamente. Son hombres de antaño que pertenecen a una esfera existencial diferente de la nuestra. Su puesta en escena implica un estar ahí, una presencia real de personajes que, al mismo tiempo, no pueden estar ahí, pues pertenecen a otro mundo, a un invisible más allá". VERNANT, Jean-Pierre, e, VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito y Tragedia en la Grecia Antigua – Volumen II*. Barcelona: ed. Paidós, 2002, página 83.

[8] Hegel reconhece amplamente nos *Cursos de Estética* a importância das reflexões filosóficas de Aristóteles sobre o drama trágico antigo. Hegel recupera em várias oportunidades a concepção de unidade de ação esforçada, composta por: pensamentos, desejos, caracteres, e finalidades. Todas elas, através do agir de cada personagem elevam-se desde a interioridade subjetiva ao ato exterior objetivo. Este último expõe no mundo sensível o ser aí de cada personagem e as suas relações conflitivas de colisões e reconhecimentos temporais com os outros sujeitos. Hegel, retomando Aristóteles, diz: "Aristóteles tem razão quando sustenta (*Poética,* cap. VI) que há duas fontes (αίτια δυο) da ação na tragédia, o modo de pensar e o caráter (διάνοια και ήθος), mas a questão principal é a finalidade (τέλος) e os indivíduos agem não para a exposição dos caracteres, e sim estes são considerados por causa da ação". HEGEL, G.W.F. *Cursos de Estética – "A relação da obra de arte dramática com o público***"**. São Paulo: ed. Edusp, 2004, página 220. Edição de Marco Aurélio Werle. Veja-se também (*Poética, c*ap. IV): "duas são as causas naturais que determinam as ações: pensamento e caráter; e nas ações tem origem a boa ou a má fortuna dos homens [...] os homens

ações e caracteres entre os personagens envolvidos na intriga trágica. A colisão sobre as distintas posições ou olhares perante crimes cometidos contra singulares (por exemplo, o sacrifício de Ifigênia, o enterro de Polínice) operam em favor de uma ordem objetiva: social, religiosa, política; essas operações são justificadas com extrema pujança pelos *heróis patriotas* e chefes de Estado (Agamenon, Creonte). Esses sacrifícios afetam a eticidade da família, mas são, no entanto, necessários para o bem-estar e a purificação da substância ética mais elevada, o Estado grego. A colisão encontra seu outro olhar no extremo oposto mediante a defesa da substância familiar, manifestando (com gestos, palavras, e ações) a conservação da vida e da morte (ritual) aos membros amados da família. As personagens protetoras da Casa (Clitemnestra, Antígona) fazem o contraponto da colisão trágica com posturas firmes, decididas e extremas, arriscando, sem limites, suas vidas em defensa da sobrevivência imagética dos seus entes queridos, mortos nas guerras de Troia e de Sete contra Tebas. No presente escrito serão apresentados dois olhares distintos, estéticos e políticos, para experimentar a compreensão hegeliana sobre o alcance do dever do patriotismo na guerra heroica e a colisão com a moralidade subjetiva dos personagens, que se produz no mito trágico tebano.

2. O mito trágico da Guerra de Tebas

2. 1. A guerra dos Sete contra Tebas. Etéocles e Polínice, os príncipes da colisão trágica.

> *Ismena*: Son las calamidades que embargan ahora a tus dos desventurados hijos las que he venido a comunicarte. En efecto, antes rivalizaban por dejar el trono a Creonte y por no manchar la ciudad, no olvidando en sus conversaciones como la antigua destrucción de tu estirpe hizo presa en tu desgraciada casa. Pero ahora, a instancias de algún dios y de una pecaminosa mente, les ha entrado a los tres veces desgraciados una alocada rivalidad por hacerse con el mando y poder real. Y el joven de menor edad intentó privar del trono a Polinices, nacido antes que él, y ya lo ha expulsado de la patria. Pero este, según los numerosos rumores que circulan entre nosotros, tras llegar como refugiado en el valle de Argos, contrae reciente matrimonio y se hace con aliados de guerra, convencidos de que Argos, sin más dilaciones, o

---

possuem tal ou tal qualidade conforme ao caráter, mas são bem ou mal-aventurados pelas ações que praticam. Daqui se segue que, na tragédia, não agem as personagens para imitar caracteres, mas assumem caracteres para efetuar certas ações”. ARISTÓTELES. *Poética –Cap. IV (1450 a).* São Paulo: ed. Nova cultural, 1987. Edição de Eudoro Souza.

> conquistará en duelo el campo de los cadmeos o elevará la gloria tebana hasta el firmamento. Esto, padre, no es un cuento de simples palabras sino hechos tremendos[9].

Ismênia chega a Colono e traz as primeiras e mais tristes informações para Édipo sobre os conflitos políticos que estão ocorrendo em Tebas e que envolvem diretamente os membros de sua família. Ela é informada da disputa feroz entre seus filhos, das calamidades que se aventuram pela ambição e da obsessão na procura do domínio exclusivo do trono. Essa disputa leva os irmãos Labdácidas a uma cegueira profunda e um desejo insano de eliminação um do outro. Situação extrema que se vive em tempos de guerra na qual o familiar se torna um estranho hostil, o amigo um inimigo, o cidadão um traidor da pátria. O sentimento de amor – *filia* – se converte em sentimento pela morte – *tanatos*. O inimigo vital que se deve enfrentar sem piedade em combate é o próprio irmão. Tal disputa será decidida pelo Deus *Ares*, juiz[10] extraordinário de Tebas, que decidirá os destinos da guerra com violência e crueldade.

Édipo conversa[11] com Ismênia sobre as relações afetivas entre seus filhos e irmãos, Etéocles e Polínice. Édipo através das palavras utilizadas por Ismênia, capta que a maldição proferida contra eles não está paralisando seus desejos obsessivos pelo poder político, e isto envolve Édipo de desânimo: ele *vislumbra* que haverá, em pouco tempo, um cruento enfrentamento fratricida. O interesse pelo cetro real bloqueia o desejo pelo bem-estar da família e, principalmente, o dever de cuidar do hierarca quando este mais precisa: “Pero ellos dos prefirieron conquistar tronos y cetros y capitanear a su país, en vez de a su padre”[12].

As relações de parentalidade com seus seres mais próximos são, para Édipo, muito intensas e paradoxais. Por essa razão, ele reconhece possuir um profundo amor de gratidão por cada uma de suas filhas. Em Antígona reconheceu proteção e cuidado nos momentos mais difíceis de sua existência. Ela se tornou seus olhos; olhos que o levaram às terras afastadas de Colono, onde viria encontrar a paz e o descanso eterno[13]. Em Ismênia reconheceu e agradeceu por sua dedicação em administrar e cuidar, com extrema observância, o palácio cadmeo, além de ter colaborado para que ele escapasse secretamente de Tebas, antes de ser expulso ignominiosamente.

---

[9] SOFOCLES. *Edipo en Colono.* (vv. 366-383). Madrid: ed. Cátedra, 2008. Tradução de José Vara Donado.

[10] “Amargo, el juez de la disputa, el extranjero que en el Ponto vive, el afilado acero surgido de la llama; y amargo el mal repartidor de bienes, Ares […]”. ESQUILO. *Siete contra Tebas.* (vv. 942-945). Madrid: Editorial Cátedra, 2008. Tradução de José Alcina.

[11] “Οἰδίπους: οἱ δ᾽ αὐθόμαιμοι ποῦ νεανίαι πονεῖν; Ἰσμήνη: εἴσ᾽ οὗπέρ εἰσι: δεινὰ τἀν κείνοις τανῦν”. SOFOCLES. *Edipo en Colono.* (vv.335-336). Edição em grego: http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0189%3Acard%3D1500

[12] SOFOCLES. *Edipo en Colono.* (vv.449-450). Madrid: Editorial Cátedra, 2008.

[13] Ibid (vv. 345-352).

Dessa forma, Édipo conseguiu dar cumprimento aos oráculos (*μαντεῖ'*), os quais lhe avisaram da existência de um lugar sagrado para o descanso e a paz que ele procurava[14]. Entretanto, com a situação de seu dois filhos (Polínice e Etéocles), Édipo abrigou ressentimentos profundos, chegando a proferir uma grande maldição por ter de suportar um assassinato recíproco de ambos os irmãos:

> ¡Que ni logres con la lanza el dominio de la tierra de nuestra raza ni consigas regresar jamás al valle de Argos sino que mueras a manos de tu hermano y com la tuya mates a quién te expulsó! Esas son mis duras maldiciones [...][15].

Palavras fortes e cruas para um pai que viveu e educou desde o nascimento a seus filhos e filhas. Nessas relações imediatas de *filia* polarizou, no final dos seus dias, amor e ódio para seus descendentes e, ao mesmo tempo, seus *iguais,* por serem todos filhos de Jocasta. Essas relações de apego a um filho e desapego a outros, reproduz, com exatidão, *Antígona* na relação com os seus irmãos, mantém, também, firme a postura do pai. Essa crueza de caráter Sófocles retrata nas imagens e palavras de admiração que diz o corifeu: "Ela tem a crueza, a crueza do pai, Não sabe se dobrar ao peso do destino"[16].

2. 1.1. Etéocles, o Príncipe Patriota.

Etéocles é um personagem frio, calmo, um *estrategista militar* que desenha a defesa armada da cidade (v.675, *Sete contra Tebas*). Ele é quem comanda os chefes tebanos que se enfrentarão com os chefes argivos. Esses chefes deverão se dirigir imediatamente e de maneira sigilosa às muralhas que resguardam as sete portas de ingresso à cidade. Etéocles mostra-se um estadista prudente, um bom comandante "σὺ δ᾽ὥστε ναὸς κεδνὸς οἰακοστρόφος" (v.62, *Sete contra Tebas*) com mente lúcida e autocentrada. Porém, a partir do v. 652 da obra, ele começa a transformar-se numa personalidade nervosa e descontrolada. Sua mudança radical caracteriza-se por uma

---

[14] "σὺδ᾽, ὦ τέκνον, πρόσθεν μὲν ἐξίκου πατρὶ μαντεῖ᾽ ἄγουσα πάντα, Καδμείων λάθρᾳ, ἃ τοῦδ᾽ἐχρήσθη σώματος, φύλαξ τέ μου πιστὴ κατέστης, γῆς ὅτ᾽ἐξηλαυνόμην". SOFOCLES. Op.cit. (vv.353-356).

[15] SOFOCLES. Op.cit. (vv.1385-1388). A *maldição* se torna em um *vaticínio* que ouvido atentamente por *Teseo* reconhece em *Édipo* o *logos decifrador* que porta, talento excepcional de uma inteligência aguda, utilizada tanto para resolver enigmas como para emitir vaticínios: "Me convences, pues compruebo que haces multitud de profecias y ninguno com falsos vaticínios" ("πολλὰ γάρ σε θεσπίζονθ᾽ὁρῶ κοὐ ψευδόφημα: χὤ τι χρὴ ποιεῖν λέγε)". Op.cit. (vv.1516-1517). http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0189%3Acard%3D1500

[16] "δηλοῖ τὸ γέννημ᾽ὠμὸν ἐξ ὠμοῦ πατρὸς". SOFOCLES. *Antígona***.** (v.471). Edição em grego: http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0185. E a tradução ao portugês, Lawrence Flores Pereira. Rio de Janeiro: ed. Topbooks, 2006. Página 50.

reviravolta expressa tanto pela manifestação do caráter politico[17] – *politische Gesinnung* na terminologia hegeliana – como pelo descontrole e desespero nas ações e palavras cada vez mais apressadas e impulsivas, consumindo-se o personagem político e aparecendo o personagem psicológico em pânico no decorrer das ações da obra. A terrível maldição[18] proferida pelo pai tomará conta de Etéocles, quando ele repete em eco incessante: "!oh raza de Edipo mía, totalmente digna de lágrimas! !Ay de mí, ahora llegan a su cumplimiento las maldiciones de nuestro padre!"[19].

Os cumprimentos das maldições familiares só chegarão a ser efetuadas na sétima e última porta de aceso a Tebas, onde Etéocles deixará a *sã razão* da prudência que governa a um bom estadista patriota, em troca dos desejos selvagens de *ódio, vingança,* e *loucura psicótica extrema,* capaz de levá-lo a assassinar seu próprio irmão. Em determinado momento da história, ele aparece gritando alto (*Ololygmos*) aos deuses por sangue, oferecendo-lhes sacrifício humano e não animal, feito do seu próprio sangue, mostrando, assim, o *frenesi* da sua *hybris* guerreira no duelo de lanças de vida e de morte entre irmãos[20].

O príncipe patriota Etéocles, inicia sua aparição na guerra dos *Sete contra Tebas*, emitindo um *discurso político* altamente emotivo a fim de formar o espírito público da comunidade chamando o povo ao patriotismo, enaltecendo o valor ético dos cidadãos para salvaguardar as fronteiras da terra pátria, essa mãe-terra que, nos fundamentos doutrinais do patriotismo heroico, retomados amplamente no *logos* político de Etéocles: cuida, alimenta, e forma instintivamente aos cidadãos; assim como, também, educa civicamente a seus filhos desde a infância, seguindo, dessa maneira, a tradição da cultura política antiga desde a epopeia passando pelos discursos e tratados da filosofia política clássica[21]. Etéocles se apresenta na obra como um homem de Estado que, apesar da sua curta idade, é capaz de refletir como um governante prudente quando pensa nas palavras corretas que deve emitir para que os cidadãos sejam convencidos a participar (com razão, paixão e convicção) na guerra contra as sete tropas invasoras da cidade Cadmea – podendo organizar o povo

---

[17] O caráter político duplo de Etéocles foi analisado em um primeiro estudo inovador por MURRAY, Gilbert. *Aeschylus: Creator of Tragedy.* Oxford: The Clarendon Press, 1940, página 140. Pierre Vidal-Naquet em: *Mito y Tragedia en la Grecia antigua – volumen II*, parte desse estudo fundacional para trabalhar as qualidades políticas de Etéocles e especialmente dos reis Labdácidas enquanto cabeças da família regente e fundadora de Tebas, no capítulo "*O escudo dos heróis. Ensaio sobre a cena central dos Sete contra Tebas*". Veja-se especialmente da op.cit. página 110.

[18] *Édipo em Colono* (vv.420-430, e, vv. 1370-1395); *Sete contra Tebas* (vv. 653-658).

[19] VERNANT, Jean-Pierre, e, VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito y Tragedia en la Grecia antigua – volumen II.* Madrid: ed. Paidós, 2002. Página 111.

[20] *Phänomenologie des Geistes – b. Die sittliche Handlung, das menschliche und göttliche Wissen, die Schuld und das Schicksal*: "Das von der leeren Einzelheit angegriffene und verteidigte Gemeinwesen erhält sich, und die Brüder finden beide ihren wechselseitigen Untergang durch einander". Página 415.

[21] Sobre a analogia dos cuidados da mãe com a pátria, e a defesa militar que cabe a cada cidadão para salvaguardar a independência e soberania da comunidade, vejam-se os textos clássicos greco-latinos como: *A República*, de CICERO – Livro Primeiro; *A Política*, de ARISTÓTELES - Livro I.

em armas como um exército coeso que siga com obediência patriótica os mandatos do seu governante: “Κάδμου πολῖται, χρὴ λέγειν τὰ καίρια ὅστις φυλάσσει πρᾶγος ἐν πρύμνῃ πόλεως οἴακα νωμῶν, βλέφαρα μὴ κοιμῶν ὕπνῳ”[22].

Nas guerras heroicas da antiguidade arcaica, os cidadãos deviam estar prestes a participar militarmente na guerra, prestar esse serviço patriótico para o Estado e também para os deuses regentes que cuidavam e defendiam, com intervenção divina[23], as tropas da cidade, salvaguardando das hostes estrangeiras as muralhas de proteção da vida pública. Etéocles faz um chamado nesse sentido, exigindo força e sacrifício de cada cidadão de Tebas. Será necessário aos cidadãos dispensar um esforço valioso ao Estado e seus deuses regentes, os quais saberão recompensar, com excelências, honras, reconhecimentos e riquezas diversas os filhos aguerridos dessa terra, onde foram concebidos, cuidados e alimentados desde sempre por esta primeira mãe e que, na hora de emergência, fornecerá os escudos para sua defesa, aguardando que atuem como verdadeiros soldados e vençam o assédio que está asfixiando a cidade:

> Y ahora débeis vosotros – al que le falta algún tiempo para alcanzar la sazón y el de que ella ya ha salido procurando acrecentar todo su vigor y fuerza, y, en fin, cada cual cuidando aquello para que sirve – prestar concurso al Estado y a las aras de los dioses de esta tierra, porque nunca sean sus honras borradas; y a los hijos, y a la tierra, nuestra madre y queridísima nodriza. Pues ella, al fin, cuando de niños reptabais por su benévolo suelo, tomó sobre sí el trabajo de dar a todos crianza y os ha ofrecido el sustento, para que fuerais, un día unos ciudadanos que saben portar sus escudos, fieles a su obligación. Y hasta este día los dioses se han mostrado favorables, que durante todo el tiempo de este prolongado asedio, la guerra, a los dioses gracias, nos es propicia en gran parte[24].

---

[22] (vv. 1-3) *Sete contra Tebas*. Edição em grego: http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0013%3Acard%3D128

[23] Vejam-se as fartas intervenções divinas nas epopeias da guerra de Troia, *Ilíada* e *Odisseia,* de Homero. Também se encontram na tragédia com menor frequência, mas com igual importância a regência dos deuses na guerra, no caso do ciclo Tebano: *Zeus, Ares, Athena, Apolo e Baco*; e no caso dos argivos na guerra de Troia com as funestas consequências para os Atridas: *Artemisa, Apolo, Athena, Eumênides*.

[24] *Sete contra Tebas* (vv.10-23): “ὑμᾶς δὲ χρὴ νῦν, καὶ τὸν ἐλλείποντ᾽ἔτι ἥβης ἀκμαίας καὶ τὸν ἔξηβον χρόνῳ, βλαστημὸν σώματος πολύν, ὥραν τ᾽ἔχονθ᾽ἕκαστον ὥστε συμπρεπές, πόλει τ᾽ἀρήγειν καὶ θεῶν ἐγχωρίων βωμοῖσι, τιμὰς μὴ 'ξαλειφθῆναί ποτε: τέκνοις τε, Γῇ τε μητρί, φιλτάτῃ τροφῷ: ἡ γὰρ νέους ἕρποντας εὐμενεῖ πέδῳ, ἅπαντα πανδοκοῦσα παιδείας ὅτλον, ἐθρέψατ᾽ οἰκητῆρας ἀσπιδηφόρους πιστοὺς ὅπως γένοισθε πρὸς χρέος τόδε. καὶ νῦν μὲν ἐς τόδ᾽ἦμαρ εὖ̓ῥέπει θεός: χρόνον γὰρ ἤδη τόνδε πυργηρουμένοις καλῶς τὰ πλείω πόλεμος ἐκ θεῶν κυρεῖ”.

Exatamente o mesmo sentido de patriotismo tem a ideia hegeliana de "*der politischen Gesinnung oder des Patriotismus"* [25], ideia que desdobra no seu sentido político filosófico mais concreto, a relação orgânica da disposição de ânimo *subjetivo* da consciência de si com a *objetividade* das instituições e as leis da substância ética universal. Assim o patriotismo opera mediante o *sentimento* de reconhecimento singular (individual) com o universal (substancial), tanto na relação com as prestações *objetivas* que devem cumprir os cidadãos com respeito às necessidades que requer a *sobrevivência* do Estado, como também envolvem as sensações propriamente *subjetivas* do civismo patriótico, experimentadas nos sentimentos de apego e *amor* à vida ética da pátria.

Esta ideia hegeliana de patriotismo enquanto postura[26]política do cidadão ou predisposição de ânimo cívico para efetuar a vida política, não se limita a ser um mero sentimento de certeza subjetiva da consciência singular com a substância objetiva da vida ética; senão, pelo contrario, esse sentimento patriótico, para Hegel, é a afecção profunda que leva o ânimo subjetivo do cidadão a encontrar, mediante a sua vontade e o seu pensar, a verdade objetiva da substância universal.

A *politische Gesinnung* não se limita então a ser a expressão sensível de um sentimento que se manifesta no mero opinar particular; ao contrario, esse sentimento se expressa no obrar da *racionalidade* e do *sentimento* individual (subjetivo) que quer se reconhecer nos costumes universais da comunidade (*ethos*). Dito de outra maneira, a predisposição política é *o apego sentimental subjetivo ao ethos objetivo do povo*. Isto se faz tangível de maneira extraordinária na *defesa militar* dos cidadãos para salvaguardar as instituições públicas na situação de guerra, essas é que garantem as liberdades das personalidades, produzindo-se nos campos de batalha uma compenetração guerreira de vontades singulares que agem com *valentia* sendo um só corpo, configurando, através do agir da vontade substancial da eticidade, a exteriorização posta da *auto-essência ética* que se está tornando efetiva pela atuação político-militar das autoconsciências singulares no momento político da guerra; momento em que os cidadãos estão se reconhecendo ativamente com o espírito das instituições universais do seu Estado:

---

[25] (§ 268): "A *disposição de espírito* política (Die politische *Gesinnung*), em geral, o *patriotismo* (der *Patriotismus*) [...]". HEGEL, G.W.F. *Filosofia do Direito***.** São Leopoldo – Brasil: ed. Unisinos, 2010. Tradução de Paulo Meneses.

[26] Die *politische Gesinnung* pode ser significada como postura ou posição política. Kathrin Rosenfield Holzermayr nos incita a pensar o patriotismo heróico como uma forma de posição trágica da política, tomando o herói uma postura subjetiva clara em relação à vida objetiva da política. Outra opção em língua portuguesa para traduzir a *politische Gesinnung* é a significação empregada por Paulo Meneses...[et al.] como "*disposição de espírito política*", remetendo-nos a noção estatal hegeliano de *espírito* ético (§ 257) da *Filosofia do Direito*. São Leopoldo - Brasil: ed. Unisinos, 2010.

> La guerra es el espíritu y la forma en que el momento esencial de la substancia ética, la *libertad* absoluta de la autoesencia ética de toda existencia, se halla presente en su realidad efectiva y en su acreditación. En tanto que, por un lado, les hace sentir a los sistemas individuales de la propiedad y de la autonomía personal, así también como a la *personalidad* individual misma (der einzelnen *Persönlichkeit* selbst), la fuerza de lo negativo, por el otro, justo esta esencia negativa se eleva dentro de ella como lo que conserva el Todo; […] [27]

Esta força negativa contém a vitalidade do espírito, ela se torna sensível no momento ético da guerra (*der sittliche Moment des Krieges*)[28]. Momento em que os cidadãos são sacudidos e estremecidos das suas vidas ordinárias pelas exigências extraordinárias que manda seu Governo (*Regierung*)[29], o qual age como o vento que remove e mexe a vitalidade das águas que, de outra maneira, apodreceriam[30]. A estagnação asfixiante elimina paulatinamente a saúde ética dos povos. Por isso, no momento ético da guerra, o governo cancela temporariamente a esfera privada e imediata da individualidade a fim de salvaguardar a esfera pública. A individualidade, nesta situação extraordinária, é reconduzida e elevada pelo governo a um patamar superior, tornando-a *individualidade substancial* (*substantielle Individualität*)[31], mediante a prestação do serviço obrigatório militar para conservar, nas batalhas, a essência da substância ética. Isso acontece, de maneira representativa, na tragédia dos *Sete contra Tebas. O* estrategista Etéocles ordena aos cidadãos que, "sem exceção", se dirijam aos muros e portas da cidade, carregando todas as armas que se tem nos quartéis e agindo com vigor e sapiência, resistindo aos embates violentos do exército invasor, controlando com disciplina e moderação o temor – sentimento próprio que flui nos atritos militares, o qual deve ser temperado, segundo Etéocles, pelos

[27] HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia del Espíritu - La acción ética, el saber humano y el saber divino, la culpa y el destino.* Madrid: ed. ABADA, 2010. Página 565.

[28] HEGEL, G.W.F. *Filosofia do Direito* (§ 324)**.** São Leopoldo – Brasil: ed. Unisinos, 2010. Edição de: Paulo Meneses...[et al.].

[29] "Para no dejarlos arraigar y fijarse rígidamente en ese aislamiento, con el que el todo se desmoronaría y el espíritu se disiparía, el gobierno tiene que estremecerlos de cuando en cuando en su interior por medio de la guerra (*die Kriege*)**,** tiene que herir y trastornar así el orden que ellos se han organizado y el derecho de autonomía, mientras que a los individuos que ahondándose en ello arrancan del todo y aspiran a un inviolable *ser-para-sí* y la seguridad de la persona, al imponerles ese trabajo (*Arbeit*)**,** les hace sentir que es su señor, la muerte (*ihren Herrn, den Tod*)" . *Phänomenologie des Geistes - "Die sittliche Welt. Das menschliche und göttliche Gesetz, der Mann und das Weib*". Página 393 da primeira edição alemã de 1807 e página 537 da edição espanhola de ABADA editores.

[30] "[...] como o movimento dos ventos preserva os mares da putrefação na qual uma calma duradoura os extinguiria, como o faria para os povos uma paz duradoura, *a fortiori*, uma paz perpétua". HEGEL, G.W.F. *Sobre as maneiras científicas de tratar o direito natural.* São Paulo: ed. Loyola, 2007, página 84. Edição de Agemir Bavaresco e Sérgio B. Christino.

[31] Ibidem.

ânimos próprios dos soldados, perante o risco de morte que lhes espera nos combates corpo a corpo contra os inimigos:

> Así que, ¡sus!, a los muros, y a las puertas de las torres con todo vuestro armamento acudid todos; llenad los parapetos al punto y firmes permaneced en los techos de las torres y resistir con empuje en las bocas de las puertas *sin temer en demasía* al ejército invasor[32].

Etéocles tem também destacado mensageiros e espiões para que façam acompanhamentos contínuos nas frentes de batalha. O principal mensageiro citado na obra descreve detalhadamente as ações dos sete príncipes argivos através da leitura que faz dos seus escudos, apresentando para Etéocles um conhecimento profundo de emblemas e episemas (*ἐπίσημας*) a serem decodificados pelo rei, a fim de que este tome as decisões mais pertinentes para vencer o conflito armado.

São sete escudos argivos e um escudo tebano que são descritos pelo *mensageiro*. Cada emblema é representado com precisão para o rei que interpreta as armas presentes nos episemas[33]. O *sétimo escudo* pertence ao príncipe desterrado, Polínice, irmão e inimigo de Etéocles que, escalando o muro da cidade, entona para si o grito da vitória.

No escudo de Polínice há um duplo gravado "*διπλοῦν τε σημα*" que apresenta por um lado um homem nu com armas nas duas mãos. É um hoplita que porta uma lança aguda, um escudo lateral em posição de ataque, e uma armadura na cabeça como proteção. O *segundo emblema* tem uma figura feminina serena e divina que estende seus braços em duas direções opostas como se fossem dois balanços; é a Justiça, deusa que assinala: "Reintegraré este hombre a su ciudad, para que recupere su patria, y a su hogar volver consiga"[34] .

Polínice forja o seu escudo com a vitalidade do seu corpo guerreiro, e com o emblema sensível que apela à deusa da Justiça para que possa recobrar legitimamente o poder soberano da sua pátria, sua nacionalidade como cidadão, e sua família no palácio real. O mensageiro diz algo muito importante para Etéocles que é de conhecimento popular amplamente reconhecido. Ele afirma não poder questionar a legitimidade do emblema portado por Polínice, mas que deve decidir como estadista como enfrentá-lo para o bem e a sobrevivência da cidade: "Contra este hombre no

---

[32] (vv.30-35). *Siete contra Tebas.* Madrid: ed. Cátedra, 2008. Itálicas nossa.

[33] VIDAL NAQUET, Pierre, em: *Mito y Tragedia en la Grecia antigua – volumen II*, faz uma análise detalhado dos episemas (*ἐπίσημας*), emblemas (*ἔμβλημας*) para interpretar com precisão os detalhes dos signos militares que se contrapõem na guerra dos *Sete contra Tebas*. Veja-se o capítulo 6: "O escudo dos heróis. Ensaio sobre a cena central dos *Sete contra Tebas*". Madrid: ed. Paidós, 2002. Página 124 e ss.

[34] (vv. 646-648). ESQUILO*. Siete contra Tebas*. Madrid: ed. Cátedra , 2008.

podrás dirigir nunca reproches por sus mensajes. Y ahora, tú decide cómo hay que pilotar nuestra patria"[35].

Com a aproximação de Polinice à sétima porta, na procura do seu irmão, é possível ver vários planos nos quais irão se desdobrar a guerra dos *Sete contra Tebas*, os quais são: 1) um plano que mostra a guerra estrangeira em curso, com o alvo da escravidão do povo perdedor de acordo com o *direito de guerra*[36] que regia na antiguidade; 2) um plano de guerra civil entre duas forças éticas legítimas, dois príncipes que apresentam duas facções que expõem argumentos de justiça para ganhar a sucessão ao Trono, e arrastam ao povo à guerra; 3) um terceiro plano, o mais marcante deste conflito armado, que é o plano que enfoca a *guerra fratricida* entre dois irmãos de sangue, os quais se enfrentam à morte, lança contra lança, pelo *ódio*, *vingança* e *ambição delirante* de poder, que domina por completo seus desejos de assassinato e de suicídio compartilhado.

Dentro desses três planos da guerra de Tebas o mais trágico em intensidade afetiva é sem dúvida nenhuma o enfrentamento fratricida da família fundadora da cidade, que destroçará os vínculos afetivos entre os irmãos Labdácidas, cortando suas raízes familiares no entrecruzamento de aços afiados que perpetram (no corpo ensanguentado do outro de si) esta dupla igualdade que, no ato de *assassinar* termina *suicidando-se* ao mesmo tempo pelo agir das suas mãos irmãs:

ἐπεὶ δ᾽ ἂν αὐτοκτόνως
αὐτοδάικτοι θάνωσι,
καὶ γαΐα κόνις πίῃ
μελαμπαγὲς αἷμα φοίνιον,
τίς ἂν καθαρμοὺς πόροι,
τίς ἄν σφε λούσειεν; ὦ
πόνοι δόμων νέοι παλαι-
οῖσι συμμιγεῖς κακοῖς[37].

Este ato belicista e horroroso (*phobos*) – de presenciar a *loucura frenética mútua* que envolve o agir recíproco dos irmãos – foge do autocontrole que deveriam

---

[35] Ibid (vv. 648-651).

[36] Sobre o direito de Guerra e a Legalidade da escravidão contra os inimigos, ARISTÓTELES, *Politica livro I, Cap. 6, 1255ª,* p. 54, disse o seguinte: "διχῶς γὰρ λέγεται τὸ δουλεύειν [5] καὶὸ δοῦλος. ἔστι γάρ τις καὶ κατὰ νόμον δοῦλος καὶ δουλεύων: ὁ γὰρ νόμος ὁμολογία τίς ἐστιν ἐν ᾧ τὰ κατὰ πόλεμον κρατούμενα τῶν κρατούντων εἶναί φασιν". http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0057%3Abook%3D1%3Asection%3D1255a

[37] (vv. 734-741). *Sete contra Tebas*. Edição em grego.
** E também sobre o *suicídio recíproco* das "mãos irmãs", Ésquilo diz o seguinte: "Con sus manos hermanas se han matado" (v. 811); "He aqui cumplidos los tristes *homicídios suicidas*, doble destino de mis capitanes, mis duplicadas ansias" (vv. 848-851). ÉSQUILO. *Siete contra Tebas*. Madrid: ed. Cátedra, 2008. Itálicas nossas.

ter os dois filhos e príncipes legítimos de uma mesma cidade. Impulsionados divinamente por *Ares* nos movimentos marciais do combate, desejando ardente e delirantemente a morte física do seu outro mediante a resolução final ditada pelo juiz divino. Etéocles expressa seu desejo dizendo, só para o Corifeu, que está esperançoso na vitória do conflito com o seu irmão. *Etéocles* expressa a *desmedida* da *razão governante*, que se transforma em loucura violenta quando acredita que é o momento oportuno para o embate de rei contra rei, irmão contra irmão, e inimigo contra inimigo: "ἄρχοντί τ᾽ἄρχων καὶ κασιγνήτῳ κάσις, ἐχθρὸς σὺν ἐχθρῷ στήσομαι. φέρ᾽ὡς τάχος κνημῖδας, αἰχμῆς καὶ πέτρων προβλήματα"[38].

Os dois lados do embate representam o último momento do cruel duelo de Etéocles com Polínice. Os traços de loucura agressiva em Etéocles são advertidos pelo coro logo na primeira estrofe. As mulheres procuram transmitir-lhe uma voz de sensatez e sensibilidade, para que Etéocles detenha qualquer ação que produza a morte violenta do seu irmão e, dessa maneira, possa produzir também um tipo de suicídio de si mesmo no outro, pela via do combate armado: "Que te propones hijo? ! Que ese *loco delírio* que tu alma llena, sediento de batalla, no te arrastre! !Arranca esa raiz de *tu locura*!"[39].

Eis também explícito o momento em que o Corifeu chega a interpelar diretamente a Etéocles e lhe diz que está realmente disposto a verter o sangue do seu próprio irmão: "ἀλλ᾽ αὐτάδελφον αἷμα δρέψασθαι θέλεις"[40].

Essa interpelação forte, concisa e clara, procura trazer de *volta à realidade* esse estado de loucura e frenesi guerreiro no qual ingressou Etéocles. Contudo, o Corifeu não conseguiu convencê-lo, e esse continuou seu rumo em direção da sétima porta onde sabe profundamente que está Polínice.

Hegel retrata esse *momento crucial* do enfrentamento fratricida e da colisão trágica das consciências irmãs. Elas entram irremediavelmente em duelo pela legitimidade das suas *posições éticas para governar o Estado de Tebas*, seguindo um caminho firme e decidido em procura de encontrar o seu destino, mantendo-se numa posição inquebrantável para confrontar, no campo de batalha, a seu outro de si; a finalidade dessas consciências é a de dirimir os direitos reais de um e negar com o peso da lança os direitos reais do outro. Cada uma dessas consciências encontra-se na posição de defensa da universalidade que procura, com o seu agir, a preservação do Estado; a outra consciência se encontra na posição de conquista e quer com seu

---

[38] (vv. 673-676). *Sete contra Tebas*. Edição em grego.
[39] (vv. 686-688) "τί μέμονας, τέκνον; μή τί σε θυμοπληθὴς δορίμαργος ἄτα φερέτω: κακοῦ δ᾽ἔκβαλ᾽ἔρωτος ἀρχάν". *Sete contra Tebas.* Na tradução em espanhol os itálicos são nossas.
[40] Ibid (v. 718).

agir subjetivo assumir a universalidade do Estado. A subjetividade da última consciência (sensível na sua solidão profunda, fruto do desterro que sofre) retorna a sua cidade-estado com um exército inimigo, declarando-lhe uma guerra estrangeira de conquista:

> Lo que la naturaleza hacía en esa esencia autoconsciente es el lado desde el que se presenta su llegar a ser universal como de un *ente* (*Seienden*). Ciertamente ese lado cae dentro de la cosa pública ética y tiene a ésta como objetivo; la muerte es la consumación y el trabajo supremo que el individuo como tal asume por la cosa pública. Pero en la medida en que el individuo es esencialmente *singular*, es contingente que su muerte esté en conexión inmediata con su trabajo en favor de lo universal, y que fuera resultado de ese trabajo; por una parte, si lo ha sido, entonces, la muerte es la negatividad *natural* y el movimiento de lo singular en cuanto *ente* (*Seienden*), movimiento en el que la conciencia no retorna hacia dentro de sí para devenir autoconciencia; o bien, en tanto que el movimiento de lo *ente* (*Seienden*) consiste en que éste quede cancelado (aufgehoben) y alcanza el *ser-para-sí,* la muerte es el lado de la escisión en la que el ser-para-sí que se alcanza es otro que lo ente (Seiende) que había entrado en el movimiento. Puesto que la eticidad es el espíritu en su verdad *inmediata* los lados en los que su conciencia se disocia caen también en esta forma de *inmediatez* y la singularidad pasa a esta negatividad *abstracta* que ella, sin consuelo ni reconciliación *en sí misma* (ohne Trost und Versöhnung *ansichselbst*), tiene que acoger *esencialmente* por una *acción efectiva* y *externa*. La consanguinidad, entonces, complementa el movimiento natural abstracto añadiendo el movimiento de la conciencia, interrumpiendo la obra de la naturaleza […] dado que la destrucción, su devenir puro ser, es necesaria tomando sobre sí misma el acto de la destrucción. Lo que a través de esto se produce es que el ser *muerto*, el ser universal, se convierte en un ser que ha retornado dentro de sí, un ser-para-sí, o que la pura singularidad (Einzelheit) *singular*, carente de fuerza, es elevada (erhoben) a *individualidad universal*[41].

---

[41] HEGEL, G.W.F. *Phänomenologie des Geistes-"Die sittliche Welt. Das menschliche und göttliche Gesetz, der Mann und das Weib".* Edição bilingue alemão-espanhol. Madrid: ed. ABADA, 2010. Páginas 389-390 – da primeira edição alemã de 1807 ,e, páginas 533-535 da edição espanhola de Antonio Gómez Ramos.

Um lado da consciência de si ética é aquele que se apresenta como o universal, sendo o Estado o movimento que defende, com o seu agir, a soberania e a liberdade dos cidadãos na polis antiga. Esse lado é o lado da coisa pública ética (*das sittliche Gemeinwesen*), e tem a sua vida fusionada completamente com a finalidade (*Zweck*) universal do Estado. Mediante a morte em combate, o guerreiro chega à consumação do trabalho supremo e individual mediante o universal. O sacrifício que ele faz da sua vida em prol de um patriotismo extraordinário faz com que ele perca sua referência como sujeito e ganhe como um momento da substância que defende sua essência frente os inimigos que procuram eliminá-la. Mas este trabalho substancial consagrado na honra com a morte do cidadão heroico é, para Hegel, simplesmente algo contingente (*zufällig*), pois esse indivíduo singular é suprimido (*aufgehoben*) ao invés do todo – a então universalidade estatal que se conserva.

Os lados em que a consciência ética se dissocia tragicamente são imediatidades singulares (representadas pelos irmãos) que “não encontram consolo nem reconciliação dentro de si mesma” (*ohne Trost und Versöhnung in sittlichem Bewusstsein zu finden*), ambos os lados da consciência ética realizam uma ação efetiva externa, onde a consanguinidade que lhes unia internamente, agora os dissocia em uma guerra fratricida, interrompendo a obra da natureza dos laços sanguíneos. Porém, a destruição é a ação que toma conta da relação ética entre irmãos, os quais escolhem a eliminação recíproca onde cada um fere letalmente o outro de si mesmo. Na história do mito trágico, essas singularidades mortas e sem forças tornam-se *uma* consciência que lutou heroicamente até a morte pelo seu Estado e é elevada (*erhoben*) à singularidade universal – o Príncipe Etéocles –, *príncipe patriota* que receberá as honras fúnebres do Estado; a *outra* consciência é o outro lado da história, o traidor desterrado – o *príncipe apátrida* Polínice –, o qual será desonrado com o corpo humilhado e largado desenterrado por ordem governamental:

> Pero el gobierno, en cuanto alma simple o sí-mismo del espíritu del Pueblo, no tolera la duplicidad de la individualidad; y frente a la necesidad ética de esta unidad, la naturaleza entra en escena como el azar de la mayoría. Por eso, ambos están en desacuerdo, y su igual derecho al poder del Estado los destruye a ambos, que tienen el mismo no-derecho. Visto con ojos humanos, el delito lo ha cometido aquel que, no estando *en posesión*[42], ataca la cosa pública, en cuya cúspide se

[42] O tradutor da *Fenomenologia do Espírito* em espanhol, Antonio Gómez Ramos, na nota de página 559 e analisada na página 958, assinala que todo este parágrafo descreve a luta dos dois irmãos pela ascensão no poder e a morte que se causam reciprocamente, seguindo o desenlace da tragédia de Esquilo. Quando aparece a palavra devastação, se faz alusão a maldição que pronuncia Polínice contra Tebas, ESQUILO, *Sete contra Tebas* (vv.631-632). Madrid: ed. ABADA, 2010.

> hallaba el otro sólo como *individuo singular*, desprendido de la cosa pública, y lo empujó a esa impotencia; ha tocado solo al individuo en cuanto tal, no a aquél, no la esencia del derecho humano. La cosa pública atacada y defendida por singularidades vacías, se mantiene, y los hermanos encuentran ambos, cada uno por el otro, su ruina recíproca[43], pues la individualidad que enlaza *con su ser para sí* el peligro del todo se ha expelido a sí misma de la cosa pública, y se disuelve en sí. Pero a aquel que se encontraba de su lado, la cosa pública lo honrará; al otro, en cambio, que ya sobre las murallas pronunciaba su devastación, el gobierno, la simplicidad restablecida del sí-mismo de la cosa pública, le castigará negándole los últimos honores, quién vino atentar contra el espíritu supremo de la conciencia, contra la comunidad tiene que quedar despojado de los honores de su esencia toda y acabada, los honores rendidos al espíritu que ha partido[44]".

O governo, essa alma simples e unitária da cidade-estado, não permite a duplicidade da singularidade na soberania da polis, porque a funcionalidade da coisa pública seria travada pelas decisões de dois soberanos com o mesmo direito exercido simultaneamente, porém somente há uma cidade, uma substancia ética que não poderia ter duas direções políticas opostas, dois comandos para um só povo. Os súditos não saberiam a que príncipe deveriam seguir. Por esta razão, Hegel considera ser esta a causa que culmina na colisão dos dois irmãos, que se chocam em conflito armado pelo direito de administrar com exclusividade o Estado de Tebas. Isso terminará destruindo-os, havendo um *não direito* para ambos. O governo enxerga esse conflito com *olhos* humanos, Creonte, governante interino, decreta que o *delito* foi cometido por aquele que não estava em possessão do poder público e que atacou militarmente a coisa pública, a qual tinha assentada na sua cúspide uma singularidade governante, o rei, que foi morto pela agressão mortal daquele que cometeu o delito contra a coisa pública. E Éteocles apenas conseguirá atingir a singularidade política, como rei, mas não a universalidade política, como Estado. Assim, os príncipes irmãos encontram suas ruínas nas suas ações recíprocas. A um deles a coisa pública dará as honras fúnebres pelo *patriotismo extraordinário* que demonstrou em defesa da cidade; em contrapartida, ao outro irmão, aquele que nas muralhas gritava pela devastação da

[43] "Das von der leeren Einzelheit angegriffene und verteidigte Gemeinwesen erhält sich, und die Brüder finden beide ihren wechselseitigen Untergang durch einander". *Phänomenologie des Geistes*. Página 415 da primeira edição em alemão, e, página 559 da edição española de ABADA editores, 2010.

[44] *Fenomenología del Espíritu – "La acción ética, el saber humano y el saber divino, la culpa y el destino".* Páginas 415-416 da primeira edição em alemão, e, páginas 559-561 da edição espanhola de ABADA editores, 2010.

cidade, por ser incivilizado, um *Apolis*, lhe será negada as honras fúnebres para sua partida ao mundo do além.

2.1.2. Polínice, o príncipe sem Cidade – Apolis.

Os gestos que revelam a personalidade de Polínice na obra de *Sete contra Tebas* expressam signos de extrema selvageria, como sendo um guerreiro que no seu agir beligerante procura unicamente a morte violenta do seu outro, do seu irmão. Polínice *não disse sequer uma palavra* em toda a obra, não tem *logos* argumentativo nem racional[45] que interpele com algum discurso o governo de Etéocles. Os únicos gestos físicos que ele expressa são os movimentos próprios de um guerreiro solitário pronto para combater corpo a corpo, estilizando nos movimentos de sua lança aguda a sua arte – marcial –, em uma coreografia guerreira em transe delirante[46], dirigida pelos ritmos e pulsões agressivas de *Ares*, deus proativo como juiz[47] das contendas militares em território tebano desde os tempos em que Cadmo venceu a filha de Ares em combate, a *Serpente/Dragão*, e semeou os dentes desta na terra-mãe.

As paixões violentas, promovidas por Ares, *possuem* completamente os sentidos de Polínice, que em estado de *delírio agressivo* vai trazer sangue e vingança-familiar. Polínice mobiliza uma armada inimiga contra as portas e as muralhas de sua própria cidade natal. Num ritual noturno ele oferece a *Ares* os sete príncipes estrangeiros, para que lhes *comande* na destruição militar de Tebas, ou bem lhes permita escravizá-la e saqueá-la de acordo com os costumes de guerra, como informa o mensageiro principal enviado por Etéocles:

> Noble señor de Tebas, Etéocles, vengo del campamento con noticias fidedignas: yo mismo he contemplado lo que está sucediendo: siete

---

[45] Um *Apolis* em sentido aristotélico, um ser violento, solitário e inimigo que se opõe a vida em comunidade, regida esta pelo logos e pela justiça da cidade: "Por lo tanto, está claro que la ciudad es una de las cosas naturales y que el hombre es, por naturaleza, un animal cívico. Y el enemigo de la sociedad ciudadana es, por naturaleza, y no por casualidad, o bien un ser inferior o más que un hombre (ὁἄνθρωπος *φύσει πολιτικὸν* ζῷον, καὶ *ὁ ἄπολις διὰ φύσιν* καὶ οὐ διὰ τύχην ἤτοι φαῦλός ἐστιν, ἢ κρείττων ἢ ἄνθρωπος). Como aquel al que recrimina Homero: "sin fratría, sin ley, sin hogar". Al mismo tiempo semejante individuo es, por naturaleza, apasionado de la guerra […] Sólo el hombre, entre los animales, posee la palabra (λόγον δὲ μόνον ἄνθρωπος ἔχει τῶν ζῴων) […] la palabra existe para manifestar lo conveniente y lo dañino, así como lo justo e injusto". ARISTOTELES. *La Política, Libro I, capítulo 2 (1253ª 1 – 17).* Madrid: ed. Alianza, 2010. Pp 47-48. (O grifo do texto grego é nosso).
*****A *inclinação natural* de alguns homens tender mais para uma vida solitária *ἄπολις* que para um vida gregaria *πολιτικὸν ζῷον*, depende de como eles podem escolher a sua própria vida, devido a que os homens não estão naturalmente condicionados a ser exclusivamente gregários ou solitários como acontece com os outros animais, já que o homem é um animal mixto e tem ambas tendências, como escreveu Aristóteles na sua ***Historia Animalium*** (488 a7): "o homem está numa posição intermediária (ou mixta) em relação ao gregário e ao solitário". (Tradução livre de Raphael Zillig).

[46] "αὐτὸς δ᾽ἐπηλάλαξεν, ἔνθεος δ᾽Ἄρει βακχᾷ πρὸς ἀλκὴν Θυιὰς ὣς φόβον βλέπων. τοιοῦδε φωτὸς πεῖραν εὖ φυλακτέον: Φόβος γὰρ ἤδη πρὸς πύλαις κομπάζεται" (vv.497-500). *Sete contra Tebas.* Edição em grego.

[47] Sobre a regência do deus *Ares* como juiz das contentas sangrentas de guerra, veja-se em *Sete contra Tebas:* (vv. 909-910; vv. 942-945; vv. 105-108; vv. 140-144; v. 135; vv.242-244; vv.497-500).

> jefes, valerosos caudillos de la hueste, han degollado un toro sobre un negro escudo, y han tocado con sus manos la sangre de aquel toro, y han jurado por Ares y Enió, y por el sangriento miedo que *una de dos: o aniquilaban nuestra ciudad, y luego, por la fuerza, saqueaban la ciudad de los cadmeos, o morían, con su sangre empapando esta tierra*[48].

O povo tebano teme Polínice, enxerga-o como sendo um homem selvagem, um caçador impiedoso que está mobilizado na procura sanguinária de sua presa, um servidor próprio de Ares, senhor da guerra. Portanto, o coro das mulheres tebanas (representando o povo) não reconhece o príncipe Polínice como um libertador de sua pátria, senão como um *arrasador*, um príncipe bárbaro e vingativo que luta por Argos e que deseja *destruir, espoliar e escravizar*[49] a cidade de Tebas, movido pela loucura homicida dos instintos e astúcias caçadoras de Ares: “Cuando una ciudad es tomada !ay ay!, son sus miserias, rapto tras rapto, muerte, incendios, con el humo la ciudad se mancilla, todo y furioso sopla, hollando la pureza, Ares, el homicida”[50].

Etéocles reforça a perspectiva do coro, o medo extremo da destruição e especialmente da escravidão (*δουλίοισι*) o ameaça da mesma maneira latente que à população da cidade; os avanços estratégicos do exército inimigo às sete portas de ingresso da polis dar-se-ão com o objetivo de conquistar e de se apropriar de todos os bens que possui Tebas. Etéocles exclama aos deuses pedidos de proteção e liberdade: “No sometáis jamás al yugo esclavo esta tierra de Cadmo, un país libre”[51].

Curioso perceber que o medo natural de ser considerado como um destruidor ou escravizador da cidade não preocupa a Polinice; perante os outros seis príncipes ele não exprime com palavras nem com gestos qualquer tipo de arrependimento ou remorso por mobilizar uma armada contra sua cidade natal. Ao contrário, Polínice aparece em companhia dos seis príncipes como um homem solitário e que vai sozinho procurar seu destino. Esse “caráter não comunitário” (*Apolis*)[52] está fortemente marcado na personalidade de Polínice. Sua irmã mais próxima já havia percebido esse estranho comportamento patológico em Colono, porque ele não procurou nenhuma companhia, ele não dialogou com ninguém na longa viagem, além de só estar

---

[48] (vv.39-48). ESQUILO. *Sete contra Tebas.* (O grifado é nosso).

[49] (vv. 109-125 Estrofe 1[a]) “θεοὶ πολιάοχοι πάντες ἴτε χθονὸς: ἴδετε παρθένων ἱκέσιον λόχον *δουλοσύνας* ὕπερ. κῦμα γὰρ περὶ πτόλιν δοχμολόφων ἀνδρῶν καχλάζει πνοαῖς Ἄρεος ὀρόμενον. ἀλλ’, ὦ Ζεῦ † πάτερ παντελές, πάντως ἄρηξον δαΐων ἅλωσιν. Ἀργέιοι δὲ πόλισμα Κάδμου κυκλοῦνται: φόβος δ’ἀρῄων ὅπλων δονεῖ, διὰ δέ τοι γενύων ἱππίων κινύρονται φόνον χαλινοί. ἑπτὰ δ’ἀγάνορες πρέποντες στρατοῦ δορυσσοῖς σαγαῖς πύλαις ἑβδόμαις”. *Sete contra Tebas* versão em grego. O grifado é nosso.

[50] (vv.339-344). ESQUILO. *Siete contra Tebas.* Madrid: ed. Cátedra, 2008.

[51] (vv. 73-75) “φθόγγον χέουσαν, καὶ δόμους ἐφεστίους: ἐλευθέραν δὲ γῆν τε καὶ Κάδμου πόλιν ζυγοῖσι δουλίοισι μήποτε σχεθεῖν”. *Sete contra Tebas.* Edição em grego.

[52] “ὑψίπολις: ἄπολις ὅτῳ τὸ μὴ καλὸν” (v. 370) ,ou, “E na justiça jurada aos deuses, é um grande na pátria, pária na pátria” (vv. 369-370). SOFOCLES. *Antígona.* Rio de Janeiro: ed. Topbooks, 2006. Tradução brasileira de Lawrence Flores Pereira.

acompanhado dos pensamentos da sua consciência solitária e triste. Antígona descreve o irmão Polínice para seu pai cego da seguinte maneira: “Y por cierto, nuestro extranjero, al parecer, es este que camina hacía aquí sin compañía de hombre alguno, querido padre, vertiendo lágrimas a raudales por sus ojos”[53].

A dor de Polínice manifesta-se nos gestos dos seus olhos vertendo lágrimas. Ele é afetado pelas desventuras familiares e por sua solidão extrema que se contrapõem a sua predisposição de ânimo político “*ativo, firme, e obstinado*” em conquistar o poder real de Tebas. Ele *não* concede si a possibilidade de mudar seu destino trágico, indo até o fim do caminho das próprias penúrias e que lhe levará a encontrar-se novamente com o seu *odiado* irmão, enfrentando-o em um epílogo de loucura delirante, assassinando-se mutuamente:

> Es vergonzoso huir y que yo, que soy el mayor, sea ridiculizado así sin más por nuestro hermano […] Y en cuanto a vosotras dos [*Antígona e Ismena*], ¡que Zeus os lleve a buen puerto si me cumplís esas ceremonias una vez muerto porque no volveréis a toparos conmigo al menos vivo![54] .

Com estas palavras finais, Polínice pede as suas irmãs, Antígona e Ismênia, que, na hora fatídica da sua morte, cumpram com os deveres familiares dos ritos funerários para que ele, assim, obtenha as graças de Zeus *herkeios*. Polínice expressa isto com afinco, uma vez que ele se encontra numa condição extrema de solidão pura – é um ser expulso da própria pátria e do lar paterno, um “*Apolis*” errante em procura do seu destino final.

3. A guisa de conclusão

Hegel retomou na *Fenomenologia do Espírito* e nos *Cursos de Estética* os conflitos éticos apresentados pelos tragediógrafos Esquilo, Sófocles, e Eurípides, e se permitiu *reelaborar,* em estudos fenomenológicos e estéticos sobre a colisão tTrágica na guerra heroica da vida ética antiga. Os entrecruzamentos fenomenológicos e estéticos visaram desvelar com sutileza filosófica, as oposições, as colisões e as resoluções trágicas, das consciències de si nas substâncias éticas (família e Estado) na antiguidade grega.

---

[53] “καὶ μὴν ὅδ᾽ἡμῖν, ὡς ἔοικεν, ὁ ξένος ἀνδρῶν γε μοῦνος, ὦ πάτερ, δι᾽ὄμματος ἀστακτὶ λείβων δάκρυον ὧδ᾽ὁδοιπορεῖ” (vv.1249-1251). *Edipo em Colono*. Edição em grego.
[54] (vv.1422-1437). *Edipo en Colono.* Madrid: ed. Cátedra, 2008.

As consciências de si personificadas em heróis e heroínas, representam estética e eticamente “as leis divinas e as leis humanas”. Consciências singulares definidas em extremos das relações éticas que entoam discursos, gestos, e ações, que se contrapõem uma nos fundamentos essenciais éticos da outra, onde cada uma das consciências aparece como *desventurada* no momento em que entra em colisão direta com os deveres da outra (*eine unglückliche Kollision der Pflicht*), mantendo-se firmes no cumprimento das suas obrigações imediatas com as suas próprias substâncias éticas, família e Estado. A colisão desventurada ou infeliz (*unglückliche Kollision*) que sofrem as consciências de si nos seus desdobramentos efetivos, se expõem para a outra consciência de si, mediante pensamentos, desejos, gestos e ações. Não deixam de permanecer presas em si mesmas e em seu mundo ético particular, assim *como de se excluir* (*sich ausschließen*) como potências éticas que se chocam com a outra e com os fundamentos éticos particulares que defendem, até atingir um desenlace trágico para ambas, porque a firmeza das suas convicções e a contingência dos seus erros de decisão (*Entschiedenheit*) não chegam a ser conciliados, nem superados em uma *consciência ética universal configurada* na ideia de eticidade do mundo antigo.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *“Politica”,* versão em grego”. Acessada 2 de junho de 2017: http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0057%3Abook%3D1%3Asection%3D1255a .

ÉSQUILO. *“Sete contra Tebas”* (versão em grego). Acessada em 2 de junho de 2017: http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0013%3Acard%3D128 .

ÉSQUILO, SÓFOCLES, EURÍPIDES. *Obras Completas.* Editorial Cátedra. España 2008. Edición, introducción, notas y apéndices: Luz Conti, Rosario López Gregoris, Luis Macía, Mª Eugenia Rodríguez y Emilio Crespo.

GONÇALVES Márcia C. F. *A Dialética entre Arte e Conceito na Fenomenologia do Espírito de Hegel.* In: Revista Eletrônica de Estudos Hegelianos - Revista Semestral da Sociedade Hegel Brasileira – SHB Ano 2º - n.º 03 Dezembro de 2005. Disponível em http://www.hegelbrasil.org/rev03g.htm. Acessada 20 de junho de 2016.

_____. *“A Religião da Arte”,* no livro: *Interpretações da Fenomenologia do Espirito de Hegel*. Edições Loyola, São Paulo, 2014. Páginas 249 e ss.

HEGEL G.W.F. *Fenomenología del Espíritu*. Edición bilingüe de Antonio Gómez Ramos. Abada editores. Madrid, 2010.

_____. *Filosofia do Direito*. Tradução de Paulo Meneses, Agemir Bavaresco, Alfredo Moraes, Danilo Vaz-Curado, Greice Ane Barbieri e Paulo Roberto Konzen. São Leopoldo, RS : Ed. UNISINOS, outubro 2010.

_____. *Sobre as maneiras Cientificas de tratar o direito natural.* Tradução de Agemir Bavaresco e Sérgio B. Christino. Edições Loyola. São Paulo Brasil, 2007.

_____. *Cursos de Estética - Vol. I-IV.* Trad.: Marco Aurélio Werle. São Paulo: EdUSP, 2004.

MOST Glenn. *Da tragédia ao trágico.* Artigo do livro: *Filosofia e Literatura: o Trágico*. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2001. Pp. 20-35.

PÖGGELER Otto. *Hegel l'idea di una Fenomenologia dello Spirito.* Cura di Antonella De Cieri. Guida Editori, Napoli, 1986.

ROSENFIELD HOLZERMYR Kathrin. *Antígona - De Sófocles a Hölderlin: Por uma Filosofia "Trágica" da Literatura.* L & PM Editores – coleção Philosophia. Porto Alegre, 2000.

_____. *Antígona, Intriga e Enigma – Sófocles lido por Hölderlin.* Editora Perspectiva, São Paulo, 2016.

_____. *A ação ética. O saber humano e o divino, a culpa e o destino.* Artigo publicado em: *Interpretações da Fenomenologia do Espírito de Hegel*. Edições Loyola, São Paulo Brasil, 2014. Pp. 249-264.

SÓFOCLES. *Antígona.* Introdução e notas, Kathrin Rosenfield Holzermayr; Tradução de Lawrence Flores Pereira. Topbooks editora, Rio de Janeiro, 2006.

SÓFOCLES. *"Edipo em Colono"* versão em grego. Acessada 2 de junho de 2017: http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0189%3Acard%3D1500 .

THIBODEAU Martin. *Hegel and Greek Tragedy*. Published by Lexington Books, U.S.A, 2013.

VERNANT Jean Pierre et VIDAL-NAQUET Pierre. *Mythe et Tragédie en Grece ancienne.* Édition la découverte, París, 1986.

_____. *Mito y tragedia en la Grecia Antigua – volume II.* Editora Paidós, Barcelona, 2002. Traducción de Ana Iriarte.

VIDAL- NAQUET Pierre. *El. mundo de Homero.* Fondo de cultura econômica, México, 2011.Traducción de Daniel Zadunaisky.

WERLE Marco Aurélio. *A questão do fim da arte em Hegel.* Editora Hedra, São Paulo, 2011.

_____. *A aparência sensível da ideia. Estudos sobre a estética de Hegel e a época de Goethe.* Edições Loyola, São Paulo 2013.